

# NARRATIVAS ANCESTRAIS NEGRAS: MEMÓRIAS DAS MATRIARCAS DE UMA FAMÍLIA<sup>1</sup>

Diana Gleide Silva de Souza<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo de conclusão do Curso de Licenciatura em Letras, ancora-se na abordagem qualitativa e nas histórias de vida. Tem como objetivo conhecer por meio da narrativa da própria autora, as memórias de suas avós e de sua mãe, matriarcas da família. As reflexões trazem enxertos dos percursos e das marcas que carregam subjetivamente o estigma do preconceito e da discriminação, impressas em suas histórias, enquanto mulheres negras, cujas vivências, atravessam gerações. O aporte teórico motivador, está embasado no poema *Vozes-Mulheres* (2017), da escritora e intelectual negra Conceição Evaristo. Conclui que mesmo diante das dificuldades e adversidades da vida, as histórias destas mulheres conferem um legado às gerações futuras, advindo dos seus saberes, formas de ensinar, orientar e resistir, reconhecendo a força de suas raízes.

**Palavras-chave:** memória autobiográfica; discriminação racial; poesia brasileira - escritoras negras.

## ABSTRACT

This final paper for the Bachelor's Degree in Letters is based on a qualitative approach and life stories. Its objective is to understand, through the author's own narrative, the memories of her grandmothers and mother, the matriarchs of the family. The reflections reveal aspects of the paths and marks that subjectively bear the stigma of prejudice and discrimination, imprinted on their stories as Black women whose experiences span generations. The motivating theoretical framework is based on the poem "Vozes-Mulheres" (2017) by the Black writer and intellectual Conceição Evaristo. It concludes that even in the face of life's difficulties and adversities, the stories of these women bequeath a legacy to future generations, stemming from their knowledge, ways of teaching, guiding, and resisting, recognizing the strength of their roots.

**Keywords:** autobiographical memory; racial discrimination; Brazilian poetry - black women writers.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carla Verônica Albuquerque Almeida.

<sup>2</sup> Graduanda na Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

*Além dos afetos que alimentamos, a nossa riqueza são os pensamentos, as ações que cobrem as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos os únicos guardiões (Noberto Bobbio, 1997).*

Esta escrita se apresenta como um gesto político e afetivo, como reconhecimento do legado de mulheres negras de uma família, resgatando suas memórias como forma de valorização das suas culturas e de suas histórias. Neste sentido, parte do reconhecimento da força de três mulheres, cujas trajetórias foram marcadas pela exclusão educacional e pelo racismo estrutural, como também pela resistência, oralidade, afeto e sabedoria ancestral.

Nesta perspectiva, as vozes das minhas avós materna e paterna, e de minha mãe, narradas por mim, autora deste texto, rompem silêncios e criam ecos, por vezes silenciados, trazem reminiscências de uma memória viva das experiências familiares. Para Souza (2022, p. 47), “[...] os registros memorialísticos oralizados por membros da família [...], oportunizam o acesso às raízes identitárias que estão fincadas no passado, representando uma importante herança existencial [...]”. Uma herança que reverbera a continuidade de lutas e conquistas, assim como a crença no poder da educação, mesmo sem terem tido acesso a mesma.

É importante destacar que o desejo em escrever sobre a memória das minhas avós e de minha mãe, mulheres que me inspiraram a ocupar espaços de formação e reflexão, emergiu durante a minha graduação no curso de Licenciatura em Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. Especificamente quando cursei o componente curricular Estudos Literários, ao ser apresentada à obra da escritora Conceição Evaristo. Ao trabalharmos o poema de sua autoria, *Vozes Mulheres*, fui impactada a cada estrofe, rememorando histórias, por meio das imagens de minhas avós e de outras mulheres negras da família, que emergiram em minha mente naquele momento.

A demonstração da professora, de como a literatura pode dialogar com a nossa realidade e com o nosso cotidiano, foi muito significativa para mim. Historicamente, nem sempre pensamos nas pessoas negras como instrumento de resistência, nas mulheres que tiveram suas vozes silenciadas pelas estruturas racistas e patriarcais. Mas, ao conhecermos gritos e manifestações através da escrita, percebemos o quanto podemos expressar sentimentos e comportamentos reprimidos, em letras que perpetuam palavras. Ter estudado alguns textos de Conceição Evaristo, funcionou como um espelho emocional e político, reafirmando o meu compromisso com a preservação da memória e da resistência feminina negra.

Envolvida pelas recordações das minhas avós, um misto de sentimentos me invadiu: precisava que as vozes destas mulheres, que tiveram tanto significado na minha vida, ecoassem por meio da minha escrita. Edite Francisca de Almeida (avó paterna) e Edmeia Maria Oliveira (avó materna), foram mulheres negras que mesmo privadas do direito a educação formal, carregavam e transmitiam saberes construídos na vivência, na dor e na força coletiva. Minha mãe, Edinelia Oliveira dos Santos, apesar de ter cursado o ensino básico, também enfrentou os reflexos de um sistema social desfavorável às mulheres negras, até ingressar na UNILAB, para cursar o ensino superior.

As lembranças e imagens contidas na memória “[...] têm o poder de reter significados e afetividades essenciais às construções identitárias” (Bosi, 1994, p. 46), por meio das passagens e etapas de vida reconstruídas no presente, através das narrativas. A memória armazena imagens, fatos e comportamentos, se entrelaça com a narrativa, fazendo emergir experiências vividas durante um determinado tempo - um instante, quiçá uma vida toda. Narrar é reviver histórias, experimentar sentimentos, emoções e significados de uma trajetória individual e coletiva, conectando o passado, presente e futuro.

Neste sentido, me aproprio da narrativa para contar aspectos das histórias de vida das matriarcas da minha família, mulheres que mesmo diante de tantas dificuldades, e dos silenciamentos a que foram submetidas, lutaram corajosamente pelas/os filhas/os para oferecerem uma vida digna e honesta, com vistas a um futuro melhor, diferente da vida sacrificada que tiveram. É importante destacar que historicamente, os silenciamentos enfrentados por mulheres negras atravessam gerações, mas na luta cotidiana, elas constroem resistências, transmitidas como herança cultural e política.

As reflexões até então apresentadas, me levam ao questionamento: como as memórias de mulheres, matriarcas de uma mesma família, narradas pela neta, revelam as marcas impressas em suas histórias de vida? Ademais, possibilitará saber: Como suas histórias serão ouvidas, conhecidas? Como outras vidas poderão ser transformadas a partir dessas memórias?

Como objetivos, proponho: a) conhecer por meio da narrativa da própria autora, as memórias de suas avós e de sua mãe, matriarcas da sua família, b) refletir sobre os percursos e as marcas impressas nas histórias de vida de mulheres negras, pertencentes a mesma família. A abordagem qualitativa, ancorada na narrativa possibilita relatar experiências e acontecimentos vividos pelas matriarcas, contados pela autora. Narrar é recordar, acionar a memória, “[...] implica em descolamentos em que se insinua a ação do tempo, com suas feridas e descontinuidades, com seus acidentes e desvios e por isto mesmo deixa lacunas [...]” (Matos, 2002, p. 10).

Esta escrita faz eco as vozes de mulheres negras de uma mesma linhagem, marcadas pela exclusão e pela coragem de sobreviver, sonhar e ensinar, mesmo sem frequentarem a escola. Busca registrar e valorizar as suas memórias, caminhos trilhados com dignidade, sabedoria e luta para ocuparem seus espaços, terem o seu legado preservado, como forma legítima de conhecimento. É também um ato de agradecimento, de reparação e de honra às que vieram antes de mim.

## **2 VOZES NEGRAS FEMININAS: DO SILÊNCIO À FALA**

A noção de escrevivência, termo cunhado pela escritora e intelectual negra, Conceição Evaristo, se ancora em uma escrita que nasce do corpo, da memória e da experiência da mulher negra. Neste sentido, me aproprio do poema *Vozes Mulheres* (2017), no qual a autora resgata uma realidade corriqueira, marcada por silenciamentos, invisibilidades e violências. Sua escrita aponta para a esperança de que uma nova realidade possa emergir a partir da força das gerações mais jovens — representadas pela filha — que recolhe em si todas as vozes que foram caladas. Essa nova geração é concebida como ainda mais forte, mais consciente e determinada a romper com os ciclos de opressão que marcaram suas antecessoras, sem, no entanto, apagar ou desprezar suas trajetórias de resistência.

Durante muito tempo não se imaginava que uma mulher negra, empregada doméstica, pudesse ocupar os espaços da escrita e da intelectualidade. A ideia de uma escritora negra era praticamente impensável. No entanto, Evaristo se coloca exatamente nesse lugar, se tornando não só autora de sua própria história, mas também porta-voz de inúmeras mulheres silenciadas pelo racismo e pelo machismo estrutural. Como disseram tantas vezes minhas avós: “Estude, minha filha, porque sem estudo você não é nada”. Essas falas, repetidas com firmeza e cuidado, expressam o desejo de mudança e o sonho de um futuro melhor — ainda que elas mesmas não tivessem tido acesso a escola, pois ambas, não sabiam ler e escrever com clareza.

A filósofa Djamila Ribeiro (2017) reforça essa perspectiva ao afirmar que todas as pessoas têm um lugar de fala. Embora todos/as possam falar sobre tudo, cada um fala a partir de seu próprio lugar social, político e histórico. Assim, quem vivencia diretamente uma determinada opressão tem propriedade para narrá-la com legitimidade e profundidade. No entanto, para muitas mulheres negras, esse direito de falar foi historicamente negado. O medo, a vergonha e a dor, muitas vezes internalizados, são heranças de um silenciamento imposto por séculos de escravidão e exclusão. Como nos lembra trecho do poema de Evaristo (2017):

*A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.*

A voz da avó representa a geração de mulheres que esteve subjugada ao domínio e à opressão “aos brancos-donos de tudo”, ecoa obediência forçada pela estrutura colonial escravagista, carrega o peso da opressão, expressando lamento, tristeza. Pensar o direito à fala para as mulheres negras é compreender que muitas conquistas só se tornaram possíveis porque algumas delas conseguiram furar o bloqueio estrutural da desigualdade.

Segundo Ribeiro (2018), o silenciamento da população negra, especialmente das mulheres, está diretamente relacionado à cor da pele e à classe social. Muitos desses sujeitos são privados dos instrumentos que a linguagem formal oferece, tendo ainda menos condições de exercer plenamente seu direito de fala. Essa marginalização se arrasta desde o período escravocrata até hoje, sendo perpetuada por estruturas que desvalorizam os conhecimentos e as narrativas das mulheres negras. Como podemos observar nos versos de Evaristo (2017):

*A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas.  
Roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.*

*A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e fome.*

Os versos trazem em si, a voz da mulher negra subalternizada que sofre humilhações, que serve aos brancos, como condição para sobrevivência, diante da pobreza. Uma voz que ecoa as dores sangrentas das mulheres negras, silenciadas, oprimidas, escravizadas, que sofreram e quiçá ainda sofrem a fome na pele, que ficaram à margem de uma sociedade racista, sexista e segregadora. É importante destacar que durante muito tempo, o destino reservado às mulheres negras era o trabalho doméstico. As profissões de prestígio lhes eram negadas, não porque faltava capacidade, mas porque lhes era negado o direito de se expressar, de sonhar e de ocupar diferentes espaços da sociedade.

Foi a partir da dor coletiva e da resistência silenciosa de mulheres, que o feminismo negro emergiu no Brasil, buscando representar não apenas as mulheres negras com visibilidade pública, mas também aquelas que, mesmo sem escolaridade, carregam saberes ancestrais

fundamentais. Tal movimento, por sua força transformadora, sempre foi temido por aqueles que se beneficiam das desigualdades. Imbuída desta força, vozes femininas são escutadas, reverberando uma história de luta e resistência, frente ao apagamento e os preconceitos vividos.

*A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.*

Os versos de Evaristo (2017), resgatam não somente as vozes das mulheres da sua família, mas anunciam as muitas vozes femininas negras, presas na garganta, libertando-as para serem propagadas, visibilizadas, para que sejam inscritas historicamente, a partir de uma outra representatividade, de um contexto que revele e valorize as suas conquistas. A voz da filha representa a continuidade da luta, a conquista do direito de fala, a linhagem vivida pela geração familiar.

É neste sentido que dou centralidade as vozes de minhas avós (materna e paterna) e de minha mãe, me aproprio da figura de narradora e de ouvinte das suas histórias ao longo do tempo, para extrair das suas experiências vividas, o substrato para este registro. Reminiscências de uma trajetória de convivência, de luta diante das adversidades da vida, dos saberes e ensinamentos, do compromisso e afeto com a família.

### **3 RECORDAÇÕES DE EDITE FRANCISCA DE ALMEIDA**

*As memórias percorrem nossos pensamentos como ondas do mar, trazem coisas que nos fazem querer mergulhar mais fundo (Diana Silva).*

Edite Francisca, minha avó paterna, já não está mais entre nós; fez a passagem para o Plano Espiritual. Mas... como não lembrar das tardes ensolaradas naquela rua em que meus tios e meu pai cresceram? A rua era o nosso mais divertido espaço, onde corríamos e brincávamos livremente, sob o seu olhar cuidadoso e afetuoso; sempre com um sorriso estampado no rosto, um semblante calmo, característico da sua personalidade, e uma cumplicidade fora do comum. Seu coração era tão grande que até um barbeiro, desejou nele se abrigar, contraindo a doença de chagas que a levou a óbito.

Nascida em Terra Nova, interior na Bahia, cresceu trabalhando na lavoura e foi ‘dada em casamento’ muito cedo, ainda adolescente. Naquela época, as mulheres não tinham o direito de ir à escola, tampouco sonhar com um futuro promissor ou uma carreira. Razão pela qual ela se dedicou a cuidar dos filhos e, por necessidade, passou a trabalhar em casa de família, após a morte do seu esposo, um homem agressivo e opressor. Mãe de 13 filhos, dos quais, dois foram frutos de um relacionamento extraconjugal do marido, meu avô; e três faleceram, estando dez filhos/as ainda vivos.

Com sua simplicidade, criou as filhas e os filhos com um afeto fascinante, educando a todos/as com muito amor, sem distinção, como se tivessem nascido do seu próprio ventre. Com muito esforço, diante das dificuldades que a vida lhe imprimia, e com a união e ajuda dos/as filhos/as, que se criaram, cuidando uns dos outros. O que faziam desde sempre devido a dura e violenta realidade, frente às atrocidades proferidas pelo seu esposo e genitor das crianças. Para Day, Telles *et al.* (2003), os maus tratos no âmbito familiar são caracterizados por atos ou omissões, que podem prejudicar o bem-estar, a integridade mental, a autonomia e o direito ao desenvolvimento integral desse membro familiar.

Meu avô era um abusador: espancava minha avó e também as crianças. Tinha diversas mulheres na rua. O seu falecimento, se configurou como um alívio para as pessoas que eram oprimidas por ele. Era possível perceber no comportamento dos meus pais e tios, os estragos causados pelo convívio com meu avô e pela dura vida que eles tiveram. Mas nunca se ouvia falar nada desse assunto, todos desejavam não lembrar. Às vezes as lembranças trazem dores irreparáveis, sentimentos que fazemos questão de isolar, de esquecer...

A leveza, a tranquilidade e a paz, tomaram conta do ambiente familiar, ainda que as dificuldades financeiras, tenham exigido da minha avó, mais garra e resistência para sobreviver. Um exemplo para os/as filhos/as que se espelhavam, buscando na união e determinação, horizontes melhores para o futuro. Como era prazeroso estar ao lado da vovó Edite! Poucas foram as vezes que a vi perder o equilíbrio, pois sempre tinha um carinho guardado no bolso. Para ela, ter a família reunida era o mais importante — ver os/as netos/as amparados, era motivo de muita felicidade e contentamento. Em sua pequena casa, abrigava filhos/as, netos/as e amigos/as, “[...] um verdadeiro cosmos. As lembranças do mundo exterior nunca hão de ter a mesma tonalidade das lembranças da casa” (Bachelard, 2003, p. 24). Admirada por muitas pessoas, era difícil alguém não se afeiçoar com a sua doçura, com as maravilhas preparadas por suas mãos tão habilidosas. Afinal, ela tinha o dom com os temperos!

Recordo que a dificuldade em ler e escrever era uma das poucas coisas que inquietava e ‘roubara’ o sorriso da vovó Edite. Frustrada por esta limitação, por vezes solicitava o auxílio

de outras pessoas, já que não teve a oportunidade de escolarização. Contudo, os saberes adquiridos pelas experiências da vida, lhe conferiam uma sabedoria, transmitidos a outras gerações. Sempre que tinha uma oportunidade fazia questão de conversar, advertir e alertar que eu não deveria desprezar as oportunidades que tinha de estudar e construir uma nova história. É possível ouvir sua voz dizendo: *minha filha sua avó te ama, estude minha filha, você é muito inteligente, estude para ser alguém na vida*. Estas palavras ecoam na minha cabeça desde criança, e fazer a vontade de minha avó, para mim era motivo de honra.

Continuamente me aconselhava a estudar, e tenho a certeza que isso me motivou a chegar até onde estou, próxima a concluir um curso superior e me formar. Ao longo dos anos venho rompendo com as barreiras, lutando pela educação formal e com todos os problemas que apareceram, desistir não fez parte da minha vida. Com persistência, renasço e me reinvento a cada dia, para honrar quem nunca teve a oportunidade de estar nos lugares que hoje posso estar, perpetuando um caminho de mudança para que as futuras gerações possam seguir.

Mesmo diante de tantas adversidades, nunca presenciei minha avó reclamando da vida dura que levava. Estava sempre com sorriso no rosto, dedicada a sua casa, as/aos filhas/os e netas/os e ao olhar para ela, não imaginamos os capítulos de horror que compôs a triste trajetória de sua vida. Acredito que em muitos momentos, seus pensamentos a conduziam as lembranças do passado, mas que logo retornava à realidade, talvez em uma vã tentativa de apagar as dolorosas recordações, para não mais sofrer.

#### **4 LEMBRANÇAS DE EDMEIA MARIA OLIVEIRA**

*“As marcas de um silêncio, trazem à vida um desejo de mudança” (Diana Silva).*

Nascida na cidade de Salvador-Ba, Edmeia Maria Oliveira, mulher negra, minha avó materna, cresceu no Pelourinho. Órfã de pai e de mãe, que veio a falecer de parto, quando do seu nascimento. Assim, foi criada desde os primeiros dias de vida, por outras mulheres da sua família: bisavó, avó e tias. O sofrimento foi sua morada durante toda a vida, experimentando ainda muito pequena, uma realidade de abandono e abusos que foram irreparáveis. E por esta razão, carregou em seu coração, uma amargura que podia ser sentida no som de suas palavras e na intensidade de suas ações, expressando sempre o sentimento de não ter tido pai e mãe, e ter se criado sozinha.

Um contexto que a conduziu para uma vida dura desde a sua infância, tendo que trabalhar na casa de brancos, para ter casa e comida para sobreviver. Sofrendo abusos dos patrões, que imprimiram sinais profundos em sua vida. “[...] A violência que as mulheres negras sofrem na sociedade brasileira não se restringe apenas ao campo simbólico somente. No dia a dia, na luta pela sobrevivência, infinitas barreiras são colocadas diante delas” (Evaristo, 2016, p. 107). Marcas que muitas vezes levavam minha avó, a oscilar de humor sempre que as lembranças, emergiam da sua memória. Assim, ao mesmo tempo em que estava alegre, expressando felicidade, era possível ver a raiva, a dor em seus olhos, o medo e a impotência, quando recordava alguns fatos e acontecimentos sofridos. Reflexo de uma vida de desigualdade e exclusão, resquícios de uma sociedade patriarcal, excludente e segregadora.

Mas as marcas da trajetória de uma mulher negra, são as maiores ferramentas para a construção de novas histórias, me recordo dos momentos em que durante a minha infância passava com minha avó, “D. Edna”, como é conhecida na comunidade onde vive, sempre muito rígida, forte, com um habilidade muito rica para iguarias e culinária. “[...] meu olhar de criança viu e memorizou gestos, meus sentidos guardam as lembranças dos sabores, dos odores e das cores” (Giard, 2000, p. 214). O que faz com que seja muito difícil não lembrar das comidas saborosas e das diversas iguarias preparadas com muito amor, em especial os bolinhos de soja com coco, que eram a sua especialidade. Apesar do seu jeito modesto de expressar afeto, se desvelava nos cuidados, para que estivéssemos sempre bem, demonstrando o seu amor da melhor maneira, mesmo que não tenha recebido afeto ao longo da sua vida.

Mesmo em condições muito humildes, sempre que chego em sua casa, por vezes fatigada pela luta do dia a dia, vovó junta algumas cadeiras para eu tirar um cochilo. Gosto de estar ao seu lado, em seu convívio, ouvindo a sua fala firme sem medo de ninguém, distribuindo os conhecimentos que tem... Ainda que tivesse uma estrutura familiar precária e sofresse pela desigualdade da falta de acesso aos estudos, não foi impedida de expressar para nós, que toda história pode ser mudada. Seus conselhos nos orientavam a aproveitarmos as oportunidades que tínhamos de estudar, a fim de sermos inseridos/as em uma realidade diferente, que nos possibilitaria alcançar os lugares que jamais foram tocados pelas suas mãos cansadas, porque tínhamos tudo para reescrever a nossa história.

Sem sombra de dúvidas, era isto que almejava o seu coração ardentemente: ver suas/seus netas/os estudarem, para não nos submetermos a redoma dos opressores e suas senzalas sem correntes. Lembro nitidamente das suas palavras: *Estude porque quem não tem estudo não é nada!* Essa frase carregava o peso das frustrações e a inferioridade dos mundos distintos de quem tem a pele escura, cabelos crespos e sem escolaridade, de alguém que sempre

carregou em sua mente, que não era importante, por não ter estudado. Ver a possibilidade de uma mudança significativa na geração futura, em seus descendentes, aquecia seu coração. A cada visita à sua casa, emergia na minha mente: eu preciso estudar para trazer um pouco de alegria, estabilidade para as mulheres que formaram meu caráter e moldaram minhas escolhas, com suas superações e recomeços.

O coração de vovó Edméia ainda pulsa forte, e mesmo estando entre nós cotidianamente, ela não desejou falar sobre sua história. Estes relatos são fragmentos das lembranças das nossas vivências, e do que minha mãe, sua filha, me contou. Compreendo que recordar fases da vida, nem sempre é fácil, pois a memória nos remete muitas vezes, ao lugar de dor, de feridas ainda não curadas.

## **5 LEMBRANÇAS DE EDINELIA OLIVEIRA DA SILVA**

*A voz de minha mãe  
retocando os pontos do velho vestido  
ao lado da cama do patrão  
em madrugadas frias.  
(Evaristo, 2017)*

Edinélia Oliveira da Silva, nasceu na cidade de Salvador-Ba, e ainda muito pequena, em razão da minha avó trabalhar o dia todo, ficava sob os cuidados de uma prima, chamada Eunice, a qual conhecia a difícil realidade da família. Casada com Valdir, o casal não teve filhos, e por esta razão e sabendo do amor que tinham por minha mãe, resolveram adotá-la com o consentimento da minha avó materna, que mesmo com o coração apertado, desejava um futuro melhor para a filha.

Embora afirme que foi muito feliz e amada pela sua mãe adotiva, que a criou com todo conforto e amor, sentia falta da sua mãe biológica. O que gerou feridas emocionais e problemas que até hoje trazem consequências para sua vida. Não tão diferente das minhas avós, presenciei por diversos momentos, ela chorando em silêncio, e expressando suas dores e marcas de uma trajetória de vida de abandono e esquecimento. O fato é que a resistência a uma realidade hostil e corriqueira de mulheres negras e sem direito a ocupar seus espaços, fizeram com que minha mãe, fosse separada de minha avó, por questões: emocionais, sociais, econômicas...

Apesar de não conviver com a minha avó de consideração, sempre ouvi minha mãe falar muito bem dela e como foi um divisor de águas na sua vida ter sido amada e educada por ela. Dona Eunice, desejava que minha mãe tivesse um futuro brilhante, distante da realidade que a

minha avó vivia. Razão pela qual sempre a incentivou a estudar e investiu para que tivesse uma educação de qualidade, mesmo com poucos recursos. Neste contexto, ela foi a primeira da geração de mulheres da sua época à estudar e se formar.

Com o sonho de ser professora, cursou o magistério e aos 15 anos, começou a ensinar em uma escola privada. Anos depois, já com a idade avançada, vislumbrou a possibilidade de retomar os estudos, e ingressou na universidade para cursar Pedagogia. Em suas palavras, reconhece a contribuição da Unilab, para o reconhecimento da sua história de vida e dos seus ancestrais. Percebe que a história começa a ganhar forma e que as páginas escuras de um legado de mulheres negras silenciadas, passa a ter cor que reescreveria novos capítulos desse legado. Mas infelizmente não se rompe com anos de silenciamento sem muita luta e sacrifícios.

O fato é que minha mãe além das minhas avós, se empenharam para que eu, sendo sua filha mais velha, estudasse. Me sentia às vezes sobrecarregada, diante das muitas cobranças. Me recordo que ainda pequena, quando cursava o ensino fundamental, ia para a escola pela manhã e no período da tarde e à noite, fazia cópia com minha ela. Na época eu odiava o fato de ter que estudar, enquanto minha irmã mais nova brincava. Não tinha consciência de que estas exigências seriam importantes para mudar o curso da minha história.

Os ‘gritos’ abafados de minha mãe e de minhas avós, criam ecos nestas narrativas, escritas por mim, na busca de romper o silêncio e mudar o percurso da história das gerações futuras. Em meio ao caos e as dificuldades enfrentadas, sendo mãe e pai ao mesmo tempo, a realidade vivida, a todo instante demarcava as suas condições de mulheres negras e pobres, cujo lugar era na cozinha, na beira do fogão e em um tanque de roupas sujas, lavadas com muito esmero. Essa voz, por décadas ecoou na cabeça das mulheres negras da minha família e de tantas outras, cuja realidade veio a ser transformada por meio de muita luta, com seus esforços que marcaram as suas histórias durante toda a vida. Assim como nos alerta Evaristo (2017):

*Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.*

*A voz de minha filha  
recolhe em si, a fala e o ato.  
O ontem — o hoje — o agora.*

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao narrar fragmentos das vivências e das memórias das minhas avós e da minha mãe, busquei em suas vozes caladas, romper o silêncio marcado por suas experiências carregadas de preconceitos sofridos, de luta árdua diante das adversidades que a vida lhes impôs. A persistência e determinação foram fundantes para assegurarem suas sobrevivências e a educação da família. Ainda que minhas avós não tivessem estudo formal, encontraram formas de ensinar, orientar e resistir, reconhecendo a força de suas raízes.

Os sentidos e significados implícitos nas experiências compartilhadas no cotidiano são alicerçadas na autoridade do afeto para com toda a família, enquanto elemento atenuante das dificuldades e sofrimentos. Longe de ser um passado enterrado, é uma herança viva que ainda hoje pulsa no corpo e na palavra da autora deste texto, em uma escrita que registra resgate, denúncia, amor e legado. A memória destas mulheres, não é apenas um mero fragmento do passado, posto que ela se constitui como ferramenta de luta e resistência que nos entrelaça e nos inspira a lutar por uma sociedade não sexista, antirracista, em que as mulheres negras sejam tratadas de forma menos preconceituosa e mais equânime.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOBBIO, Noberto. **O tempo de memória**: de senectute e outros escritos autobiográficos. Tradução: Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Cia. da Letras, 1994.
- DAY, Vivian Peres; TELLES, Elaine Borba *et al.* Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul – SPRS**, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/5SdJkYSszKYNdzcftfbRTL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2025.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da Recordação e Outros Movimentos**. 3. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2017.
- EVARISTO, Conceição. O entrecruzar das margens - gênero e etnia: apontamentos sobre a mulher negra na sociedade brasileira. *In*: DUKE, Dawn (Org.). **A escritora afro-brasileira**: ativismo e arte literária. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.
- GIARD, Luce. Artes de nutrir. *In*: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 211-332.

LETRAS AFRO. **Literatura afro-brasileira**. Disponível em: <https://lite-afro.lettras.ufmg.br/>. Acesso em: 30 out. 2025.

MATOS, Olgária Chain Féres. A narrativa: metáfora e liberdade. **Contar história, fazer História** - História, cultura e memória. Tradução. Brasília: Paralelo 15, 2002. Disponível em: [https://biblio.fflch.usp.br/Matos\\_OCF\\_77\\_1329510.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/Matos_OCF_77_1329510.pdf). Acesso em: 23 maio 2025.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

SOUZA, Antonio José de. A família como objeto da História na Educação do Campo/roça para Convivência com o Semiárido. *In*: CREMA, Everton; MARTIN, Nilson Javier Ibagón (Orgs.). **Ensinar História: Aprendizagens**. Rio de Janeiro: Proj. Ori./Ed. Esp. Sobre Ontens/UERJ, 2022a. p. 45-53.